

A CRÍTICA LITERÁRIA NO SÉCULO XIX: TEXTOS PIONEIROS

Vinícius Marques Estima

Qualquer trabalho que se disponha a discutir questões relativas à literatura brasileira não pode deixar de voltar atenção a uma tradição crítica que vem sendo construída desde o início do século XIX, quando alguns poucos estudiosos se dispuseram a historiar o que se produzia nas letras de língua portuguesa daquele período. Desde um primeiro momento em que as fronteiras entre literatura brasileira e portuguesa ainda não eram bem delineadas, passando pelo estágio em que essa demarcação se tornou imperativa, alguns escritos procuraram discutir o cenário intelectual da época, e desses, poucos sobreviveram ao tempo, sendo menor ainda a parcela dos que se apresentam relevantes se considerarmos os parâmetros da crítica contemporânea. De fato, elegendo um recorte historiográfico-literário que parte do início dos anos oitocentos até a publicação do trabalho de Silvio Romero em 1888⁷⁷, visto até hoje como o primeiro estudo de proporções totalizadoras disposto a historiar a literatura e a cultura do Brasil, iremos nos deparar com diferentes tentativas de registrar e/ou analisar o que existia com relação à produção cultural do país.

Nessa medida, a presente pesquisa ocupar-se-á da análise de uma parcela dos textos que compõem esse intervalo historiográfico, mais especificamente os que demonstraram, e ainda o fazem, uma capacidade crítico-analítica mais próxima aos padrões contemporâneos. Textos que procuraram historiar a produção nacional examinando manifestações propriamente literárias, propondo periodizações baseadas em critérios estéticos, elegendo um cânone justificável pelos méritos de sua produção, demonstrando uma visão mais concreta do sistema literário, ou seja, estudos que possam ser apontados como os precursores do ensaio crítico literário nacional.

Cabe ressaltar que a intenção desta pesquisa não é avaliar a metodologia analítica desses escritos à luz dos padrões da crítica contemporânea, que tem por base um referencial teórico construído desde o início do século XX, a partir dos estudos formalistas que fundamentaram de vez a teoria da literatura. O que se deseja é perceber, considerando o tempo de sua produção, de que forma alguns estudiosos procuraram, através da análise dos textos, melhor compreender o seu momento literário e cultural. Tendo em vista o recorte delimitado, meu objeto de análise será composto pelos trabalhos de Friedrich Bouterwek, Ferdinand Denis, Santiago Nunes Ribeiro, Alexandre Herculano e Machado de Assis, um *corpus* teórico ainda hoje respeitável não só por seu pioneirismo, mas pelos traços que os compõem.

Friedrich Bouterwek, em *História da poesia e eloquência portuguesa*⁷⁸, demonstra-nos já ser possível, em 1805, estruturar um estudo a partir de uma perspectiva analítica voltada aos escritos propriamente literários. No capítulo intitulado “Antônio José e Cláudio Manuel da Costa”, podemos perceber um crítico bem fundamentado nas técnicas compostivas da lírica, que observa tanto os procedimentos temáticos quanto os relativos à métrica na análise das *Obras completas*, de Cláudio Manuel da Costa.

⁷⁷ ROMERO, Silvio. *História da Literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1888.

⁷⁸ BOUTERWEK, Friedrich. “História da poesia e eloquência portuguesa”. In: CESAR, Guilhermino (Org) *Historiadores e Críticos do Romantismo: a contribuição européia – crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. São Paulo: Edusp, 1978.

Nesse trabalho, o crítico se vale de uma perspectiva comparatista que aproxima a poesia praticada pelo poeta mineiro ao estilo italiano de Petrarca, apontando ainda certa influência da escola francesa que, segundo ele, atribuiria uma cadência enriquecedora aos versos. Mais do que a identificação de traços ou tendências estilísticas, Bouterwek procura demonstrar os méritos do poeta brasileiro apontando em que medida sua obra estaria inovando com relação à arte da composição lírica – “Não emprega os alexandrinos, mas sim os versos iâmbicos, de cinco sílabas, sem rimas cruzadas, versos, por conseguinte, freqüentemente usados pelos ingleses”⁷⁹.

A partir dessa postura, o texto, ainda que marcado por trechos em que a exaltação do leitor supera a precisão do crítico, consegue ratificar a escolha da poesia de Cláudio Manuel da Costa como obra que apresenta embasamentos temáticos e estéticos capazes de justificar sua presença em uma antologia poética de língua portuguesa. Tal postura ultrapassa o tom impressionista que marca, via de regra, o período de produção dessa atividade crítica.

Se o trabalho de Bouterwek é aqui reconhecido por seus méritos investigativos, podemos perceber tentativa semelhante com relação à crítica praticada por Ferdinand Denis. Em seu *Resumo da história literária do Brasil*⁸⁰, o teórico francês igualmente demonstra propensão a uma postura crítica mais voltada às obras. No entanto, ainda que se ressalte a tentativa de investigar tecnicamente a produção literária, o trabalho de Denis tem como maior mérito uma visão mais abrangente do cenário cultural brasileiro, ou seja, apresenta-se como um estudo que reconhece a literatura como elemento capaz de colaborar para a construção identitária da recém independente nação.

Na verdade, mais do que historiar o que se produziu até o período, esse trabalho procura pensar a respeito da necessária independência cultural da antiga colônia portuguesa. Assim, defende a tese de que o caminho para essa desvinculação estaria na valorização das particularidades nacionais, na exploração daquilo que se mostra capaz de configurar uma identidade nacional sólida. Nessa medida, o teórico chama a atenção para que se valorizem os aspectos da natureza brasileira em detrimento da tendência comum de se valorizar a cultura clássica, que segundo o crítico não condiziriam com as feições da jovem nação:

Se essa parte da América adotou uma língua que a nossa velha Europa aperfeiçoara, deve rejeitar as idéias mitológicas devidas às fábulas da Grécia: (...); não se harmonizam, não estão de acordo nem com o clima nem com a natureza, nem com as tradições.⁸¹

Dessa forma, a tese pioneiramente defendida nesse escrito seria reiterada durante longo tempo na crítica literária nacional, visto que o enaltecimento dos valores da terra, o distanciamento com relação aos aspectos culturais europeus e a criação de mitos próprios, vinculados à natureza, fazem parte dos aspectos mais enfatizados no âmbito da crítica que se importou com a sedimentação do ideário romântico no Brasil.

No curso de seu raciocínio, a importância dada aos aspectos genuinamente nacionais na literatura torna-se tamanha que atua critério valorativo na análise das obras, fazendo com que o

⁷⁹ Idem, p. 10.

⁸⁰ DENIS, Ferdinand. “Resumo da história literária do Brasil”. In: CESAR, Guilhermino (Org) *Historiadores e Críticos do Romantismo: a contribuição européia – crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. São Paulo: Edusp, 1978.

⁸¹ Idem, p. 36 – Grifo meu.

Caramuru – “A descrição da natureza grandiosa, cheia de pompa, assim como dos costumes (...), tudo isso era digno de inspirar um poeta de primeira categoria”⁸² –, bem como o *Uraguai* – “mais interessante pelas particularidades poéticas. Nele se nos depara, todavia, hábil descrição do novo mundo, onde vastas planícies se distinguem” - tivessem enaltecidos aspectos como a construção dos ambientes e cenários que, na opinião do crítico, configurariam um ideal a ser difundido.

De fato, se *Résumé de l'histoire littéraire du Brésil* preconiza a defesa da “cor local” brasileira, embasando muitos estudos posteriores, ainda consegue mostrar-se precoce quanto à difusão de idéias que só seriam desenvolvidas anos depois. No prefácio à reedição lançada em 1978, o organizador Guilhermino Cesar chama atenção para a maneira com que o crítico antecipa o estilo naturalista-cientificista, indicando um estilo de investigação literária que marcaria a atividade crítica do final daquele século, principalmente através das páginas de Silvio Romero:

O Résumé desperdiça adjetivos na descrição do cenário americano. Romântico do ponto de vista temático, é quase um naturalista científico quando fala do meio, de sua influência absorvente. E é, por isso mesmo, um dos precursores de Taine (1828 – 1893).⁸³

Considerando esse aspecto metacrítico, o apontamento de Guilhermino Cesar certamente refere-se aos trechos em que o ensaísta francês, ressaltando a miscigenação do povo americano, atribui tendências artísticas diferentes de acordo com a raça ou mistura étnica do habitante brasileiro. Dessa forma, chega a afirmar que o negro, por exemplo, tenderia a “abandonar-se ao calor de sua imaginação”, produzindo narrativas marcadas pela emoção e tendência ao sobrenatural, ou que o filho de mãe indígena misturaria a perseverança do branco à coragem do homem acobreado - “sua alma é enérgica e seu espírito melancólico; desta raça sairão grandes coisas”⁸⁴.

Se os até agora estudados Bouterwek e Denis conseguem diferenciar-se dos demais de seu tempo pela precisão na análise e pela visão mais específica às particularidades do sistema literário, respectivamente, encontraremos um grande salto qualitativo dessas duas características no trabalho de Santiago Nunes Ribeiro. Acima de tudo, *Da nacionalidade da literatura brasileira*⁸⁵ surge como um escrito que se ressalta pela perspectiva metacrítica, em que o autor avalia e retifica alguns dos posicionamentos mais correntes no campo da crítica literária de seu tempo. Nessa medida, o artigo volta parte de sua intenção para o esclarecimento de alguns pontos que julga imperativo para que o ensaio crítico brasileiro deixe de lado as divagações tangentes à literatura e para ela se volte.

Um dos pontos a serem discutidos gira em torno de uma dúvida corrente na crítica daquele tempo, que é a questão da existência ou não de uma literatura propriamente brasileira. Dessa forma, o *Bosquejo histórico, político e literário*⁸⁶, de Abreu e Lima, é tomado como parâmetro de discussão, visto que difunde a opinião de que a literatura praticada por aqui seria pertencente à portuguesa, tendo em vista não só os vínculos que aproximavam os países, mas, principalmente, a questão da língua adotada pelo Brasil.

⁸² Idem, p. 47.

⁸³ Idem, p. 28.

⁸⁴ Idem, p. 40.

⁸⁵ RIBEIRO, Santiago Nunes. “Da nacionalidade da literatura brasileira”. *Minerva Brasiliense*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 7 – 23, 1 Nov. 1843. In: TEXTOS RAROS de história da literatura brasileira – Século XIX. Porto Alegre: Faculdade de Letras/PUCRS, 2004. CD-Rom.

⁸⁶ ABREU E LIMA, José Inácio de. *Bosquejo histórico, político e literário*. In: TEXTOS RAROS de história da literatura brasileira – Século XIX. Porto Alegre: faculdade de Letras/PUCRS, 2004. CD-Rom.

Na evolução de seu pensamento, Nunes Ribeiro não nega que Portugal e sua antiga colônia partilhem de uma mesma língua, mas preconiza que esse não deva ser o parâmetro empregado nas divisões literárias. Defendendo a tese de uma literatura propriamente nacional, o autor acaba delineando um conceito de literatura em que essa é entendida como arte capaz de exprimir os traços culturais de um povo e seu momento sócio-histórico, posicionamento que se aproxima às feições de uma crítica de base sociológica. Ainda, ciente de que o embasamento teórico se faz necessário na atividade analítica, o crítico vai justificar sua afirmação recorrendo a um estudo do Visconde de Chateaubriand⁸⁷, que postula a existência de quatro diferentes literaturas para a língua inglesa (a irlandesa, inglesa propriamente dita, escocesa e americana), igualmente baseando-se nas diferenças culturais existentes entre esses países.

Após discutir esses e outros pontos que ganhavam diferentes versões na crítica literária de seu tempo, o ensaísta da *Minerva Brasiliense* demonstra ainda uma visão muito técnica quanto à periodização literária que, até então, era comumente definida mais por parâmetros históricos do que considerando as particularidades e tendências manifestadas na produção escrita – “Resta-nos fixar e caracterizar as épocas da poesia nacional, porque nos parece que nas divisões propostas não se atendeu às evoluções íntimas da literatura”⁸⁸. Nessa medida, o ensaísta identifica três períodos que se distinguem pelas tendências estéticas predominantes, que hoje entendemos ser uma classificação mais próxima ao que a historiografia admite como sendo o período barroco, árcade e romântico, respectivamente:

A primeira época pode ser representada por Manuel Botelho de Oliveira; nela reina o pensamento da literatura espanhola da decadência.

A segunda dificilmente pode se achar representante, mas julgamos que Silva Alvarenga é o mais próprio, é o que mais idéias mostra filhas da influência dominadora. Esta época é regida pelo espírito das literaturas do século de Luis XIV, e de Voltaire.

Terceira época. O seu representante legítimo e natural é o Sr. Dr. Magalhães.⁸⁹

Quanto ao trabalho de Santiago Nunes Ribeiro, além das já mencionadas inovações, apresentando-se como um ensaio de postura metacrítica construído com base em critérios bem definidos, como o de literatura, apresentando sólido referencial teórico na justificação de seus apontamentos e posicionando-se a partir de critérios técnicos na proposição de uma periodização; podemos ainda ressaltar a preocupação do crítico em delinear uma origem para nossa literatura. Além de demonstrar que trabalha a partir da concepção de gênero, ao diferenciar lírica, drama e epopéia, o pesquisador acaba apontando que a gênese literária do país se encontraria na poesia sacra dos primeiros religiosos. Sua assertiva se justifica tendo em vista que seu conceito de literatura afirma que “a literatura é a expressão da índole, do caráter, da inteligência social de um povo ou de uma época”:

A instituição religiosa pois supriu as instituições e formou, digamo-lo sem medo de errar, virtudes que toda a moral do filosofismo não é capaz de imitar por sombras.(...) Ela formulava a moral, ela resumia a poesia, ela só desenvolvia instintos nobres no homem desses tempos.⁹⁰

⁸⁷ A obra referida é *Considerações sobre o gênio dos homens, dos tempos e das revoluções*. Não cita maiores informações.

⁸⁸ Idem, p. 21.

⁸⁹ Idem, p. 21.

⁹⁰ Idem, ibidem.

Se a crítica praticada por Santiago Nunes Ribeiro inquieta, ainda hoje, pela precisão dos traços técnicos que aqui referimos, já não podemos reconhecer os mesmos méritos no *Futuro do Brasil literário*⁹¹, de Alexandre Herculano, visto que, comparativamente ao trabalho predecessor, o tom impressionista se manifesta nesse de forma mais acentuada. No entanto, considerando o exame que direciona aos *Primeiros cantos*, o ensaísta português apresenta uma postura rara aos padrões da época ao analisar a obra de um contemporâneo que, até então, não desfrutava do renome de escritor que os anos viriam lhe atribuir.

Nesse ensaio, o crítico já demonstra clara distinção da independência entre as literaturas brasileira e portuguesa, utilizando-se de um tom metafórico para referir que o Brasil simbolizaria a juventude da literatura de língua portuguesa, enquanto Portugal representaria uma literatura ultrapassada e estagnada – “o progresso literário do Brasil é um mancebo vigoroso que derruba um velho caquético, demente e paralítico”.⁹² Quanto aos *Primeiros cantos*, Herculano conduz sua análise pelo caminho mais comum de seu tempo, ressaltando a exploração da temática da natureza, a valorização da “cor local”, enaltecedo este prisma temático em detrimento da técnica compositiva dos versos.

Um aspecto interessante desse trabalho é a importância que o ensaísta atribui à imprensa brasileira, reconhecendo-a como máquina de vital importância na formação e sustentação de um sistema literário, tanto no que concerne ao campo de reprodução e divulgação da cultura impressa, como na formação do público leitor:

A imprensa na antiga América portuguesa, balbuciante há dois dias, já ultrapassa a imprensa da terra que foi metrópole. Às publicações periódicas, primeira expressão de uma cultura intelectual que se desenvolve, começam a associar-se a composições de mais talento – os livros. Ajunte-se a este fato outro, ser o Brasil o mercado principal do pouco que entre nós se imprime, e será fácil conjecturar que no domínio das letras, como em importância e prosperidade, as nossas emancipadas colônias nos vão levando rapidamente de vencida.⁹³

Considerando o recorte temporal delimitado no início deste trabalho, percebe-se que a crítica literária brasileira, salvo algumas tentativas mais precisas como as aqui estudadas, acabou fundamentando sua postura a partir da valorização de trabalhos que faziam uso dos elementos naturais na tentativa de formação de uma identidade literária. Tendo em vista que o caráter genuinamente nacional da literatura brasileira foi sempre uma meta a ser alcançada, Machado de Assis, em seu *Instinto de nacionalidade*⁹⁴, procura discutir justamente quais caminhos foram percorridos pela literatura e crítica especializada na delinear desse conceito de “nacional” atribuído à nossa produção.

Na definição do que viria a ser efetivamente “nacional”, o autor demonstra equilíbrio ao alegar que, se, por um lado, é inegável que a literatura praticada por aqui se mostra única quando relacionada às demais, por outro, demonstra que o processo de total independência literária da nação não se fará somente através da exploração dos painéis da natureza, na exaltação de um passado heróico, ou no repúdio das tendências estrangeiras, mas através de um processo lento e gradativo que requereria o esforço de muitas gerações.

⁹¹ HERCULANO, Alexandre. *Futuro do Brasil literário*. In: CESAR, Guilhermino (Org) *Historiadores e Críticos do Romantismo: a contribuição européia – crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978.

⁹² Idem, p. 136.

⁹³ Idem, p. 135.

⁹⁴ ASSIS, Machado de. *Instinto de nacionalidade & outros ensaios*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

Dessa forma, o autor define que ter-se-ia na literatura de então o que chama de instinto de nacionalidade, ou seja, um esforço conjunto de um grupo de escritores empenhados em prol de um ideal mesmo, que preconiza a formação de um sistema literário consistente. Nessa medida, Machado rediscute questões tidas por imperativas na valoração de uma obra como portadora de um caráter nacional. Assim, a exaltação da “cor local”, na opinião do crítico, não estaria diretamente vinculada à tarefa, mas seria antes de tudo um referencial que proporcionaria inspiração – “Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional”⁹⁵

Nessa medida, assim como a exploração da paisagem natural não deveria ser garantia de nacionalismo literário, a vertente indianista seguida por Gonçalves Dias e tantos outros também obedeceria aos mesmos parâmetros, visto que Machado tem por redutora a idéia de que o patrimônio cultural de uma nação esteja somente vinculado ao passado dos povos antigos. Com essa opinião, o autor não está a negar essa corrente, mas quer limitá-la à categoria de motivo inspirador, motivação essa que não deveria encontrar-se somente num tempo distante, mas difundida em todas as vertentes do pensamento de uma sociedade, cabendo ao escritor a capacidade de percebê-la:

Não há dúvida de que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferecem a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda que trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.⁹⁶

Usando como parâmetro a estruturação de sistemas literários estrangeiros, o ensaísta avalia que, até o momento, não existiria no Brasil uma crítica eficaz, salvo algumas tentativas. Essa ausência seria uma das principais deficiências na maturação do cenário intelectual, visto que caberia ao exercício dessa atividade analítica o debate, e o consequente desenvolvimento, de conceitos imprescindíveis para que se pudesse dar forma consistente a uma literatura autônoma:

Estes e outros pontos cumpria à crítica estabelecê-los, se tivéssemos uma crítica doutrinária, ampla, elevada, correspondente ao que ela é em outros países. (...). A falta de uma crítica assim é um dos maiores males de que padece a nossa literatura;⁹⁷

Outro aspecto que se ressalta no texto diz respeito à análise da produção do romance brasileiro. O autor reconhece que os “toques de sentimentalismo, quadros da natureza e de costumes”⁹⁸ são os traços que melhor expressam a estilística do gênero no momento. Nessa medida, indica que não seria esse o melhor caminho a se percorre para a evolução do gênero, afirmado que a capacidade analítica dos escritores, explorando questões de ordem filosófica e social, deveria assumir papel principal em detrimento do demasiado traço descritivo, fato que, segundo ele, estaria diretamente vinculada à imaturidade literária do país.

Os mesmos parâmetros que levam Machado a afirmar que o Brasil se encontraria em estágio inicial no que concerne à literatura são empregados para justificar a afirmação de que “Não há atualmente teatro brasileiro, nenhuma peça nacional se escreve, raríssima peça nacional se

⁹⁵ Idem, *ibidem*.

⁹⁶ Idem, p. 18.

⁹⁷ Idem, p. 19.

⁹⁸ Idem, p. 21.

representa.”⁹⁹, ou mesmo que, no que diz respeito ao conto, enquanto gênero literário, “É gênero difícil, a despeito da sua aparente facilidade, e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele o escritor”¹⁰⁰. Certamente, o autor embasa tais afirmações tendo em vista o preceito de que uma ótica analítica mais apurada, e dotada de um aguçado senso crítico, seriam elementos imprescindíveis na construção de tais textos, justamente os traços apontados como carência da literatura da época.

Se outrora a questão da língua foi tema de discussão nas páginas de Santiago Nunes Ribeiro, que reputava a idéia corrente na crítica de que esse seria um elemento que impediria a desvinculação à literatura portuguesa, podemos perceber que para o ensaísta carioca essa temática volta a ser motivo de preocupação, mas por outra vertente. Reconhecendo a existência da variação lingüística, tanto no que diz respeito às suas transformações diacrônicas, como considerando as variantes usadas nos diversos cantos do país, Machado de Assis procura discutir a questão do uso da língua na construção dos textos literários. Nessa perspectiva, afirma que nesses deveria haver o domínio da variante culta, visto que tornar homogêneo o código de expressão seria um dos caminhos para a tão almejada nacionalização literária – “A influência popular tem um limite; e o escritor não está obrigado a receber e dar curso a tudo que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr”.¹⁰¹

Se a crítica da época partilhava da opinião de que o melhor caminho para a independência literária deveria passar pela rejeição às tendências estrangeiras, Machado retifica mais uma vez o postulado em voga, ao afirmar que a leitura dos clássicos seria imprescindível para um povo que busca a depuração da técnica de composição literária. Nessa medida, somente a partir do conhecimento dos estilos empregados em diferentes tempo e lugares, ponderar-se-iam melhores caminhos para a maturação literária de uma nação intelectualmente jovem – “Cada tempo tem seu estilo. Mas estudar-lhes as formas mais apuradas da linguagem, desentranhar deles mil riquezas, que à força de velhas se fazem novas – não me parece que se deva desprezar.”¹⁰².

Tendo em vista o percurso aqui realizado, que acompanhou analiticamente uma parcela de textos dispostos a investigar o momento cultural do país por meio da literatura, podemos perceber que o exercício da atividade crítica no século XIX centralizou seus debates em torno da sedimentação do ideário romântico em meio à sociedade brasileira. Nesse sentido, insistiu no enaltecimento dos valores da natureza, no distanciamento com relação aos aspectos culturais europeus e na criação de mitos próprios vinculados ao cenário natural e ao passado heróico do indígena brasileiro; aspectos que se mostraram uma tentativa válida considerando um momento em que o distanciamento da cultura portuguesa se tornou imperativo.

No entanto, igualmente pudemos perceber que, num universo de idéias comuns, alguns teóricos conseguiram demonstrar uma visão mais orgânica com relação ao sistema literário de seu tempo, ao praticar uma crítica que apresentava clareza quanto à delinearção de seu objeto de investigação e fundamentava-se em um referencial teórico consistente. Essa atitude tornou-os capazes de apresentar clara noção de que propunham debater questões de suma importância para a construção de um sistema literário genuinamente brasileiro.

Dessa forma, a partir de contribuições ainda tímidas considerando o ponto de vista da profundidade analítica, como pudemos perceber em Friedrich Bouterwek, ou outras que acabaram

⁹⁹ Idem, p. 31.

¹⁰⁰ Idem, p. 24.

¹⁰¹ Idem, p. 34.

¹⁰² Idem, p. 35.

fundamentando a defesa da “cor local”, como Ferdinand Denis e Alexandre Herculano, até estudos marcados por um posicionamento crítico mais consistente e fundamentado teoricamente, como Santiago Nunes Ribeiro e Machado de Assis; foi sendo formada a base da atividade crítico-literária do Brasil, elemento de vital importância no processo de maturação de um sistema literário que almeja sustentação própria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Machado de. *Instinto de nacionalidade & outros ensaios*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- BOUTERWEK, Friedrich. “História da poesia e eloquência portuguesa”. In: CESAR, Guilhermino (Org) *Historiadores e Críticos do Romantismo: a contribuição européia – crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978.
- DENIS, Ferdinand. “Resumo da História Literária do Brasil”. In: CESAR, Guilhermino (Org) *Historiadores e Críticos do Romantismo: a contribuição européia – crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978.
- HERCULANO, Alexandre. *Futuro do Brasil Literário*. In: CESAR, Guilhermino (Org) *Historiadores e Críticos do Romantismo: a contribuição européia – crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978.
- RIBEIRO, Santiago Nunes. “Da nacionalidade da literatura brasileira”. Minerva Brasiliense, Rio de Janeiro, n. 1, p. 7 – 23, 1 Nov. 1843. In: TEXTOS RAROS de história da literatura brasileira – Século XIX. Porto Alegre: Faculdade de Letras/PUCRS, 2004. CD-Rom.